

5. CONCLUSÃO

A presença dos ácidos graxos nas aráceas em estudo está quase restringida aos ácidos palmítico, esteárico, oléico, linoléico e linolênico, sendo o ácido palmítico o majoritário entre eles. A presença dos ácidos láurico, mirístico, araquídico e behenico, é muito pequena e não significativa nas espécies.

Com relação ao isolamento de metabólitos secundários nas aráceas estudadas, pode-se dizer que foi um grande aprendizado. Para trabalhar com espécies dessa família não se pode iniciar o trabalho fitoquímico com pequenas quantidades, no que se refere às frações apolares e de média polaridade, uma vez que nessas frações observou-se o acúmulo excessivo de triglicerídeos e dos esteróides sitosterol e estigmasterol.

Uma maior variabilidade estrutural é observada nos constituintes presentes nas frações polares, das quais foi isolada a mistura dos esteróides acil glicosilados, conforme discutido no trabalho. Outros metabólitos encontrados nessas frações incluem a mistura dos esteróides sitosterol e estigmasterol glicosilados, que foram isolados porque se encontram em maior quantidade.

As frações mais polares forneceram ainda uma mistura de compostos conhecidos como cerebrosídeos, cuja presença tem sido relatada em aráceas. Essa mistura foi identificada por RMN de ^1H e de ^{13}C e foi detectada nas frações mais polares de todas as aráceas estudadas no presente trabalho. Os cerebrosídeos poderiam funcionar como marcadores quimiosistemáticos das espécies de Araceae, porém a dificuldade de se trabalhar com esses compostos é grande, devido à semelhança de polaridade e a similaridade estrutural entre eles.

Infelizmente não foi possível estabelecer uma relação de quimiosistemática entre os compostos isolados e as aráceas em estudo, uma vez que a presença desses compostos se mostrou restrita a determinadas espécies.